
Os desafios de educar em valores na atualidade

Challenges of the education in values at present

T. E. D. Ferreira*

Departamento de Ciências Sociais, Humanas, Letras e Artes, Universidade do Estado de Minas Gerais, João Monlevade - MG, Brasil

*telmaellen@hotmail.com

Resumo

Todas as sociedades, ao longo da história, preocuparam-se em transmitir às gerações mais jovens os valores locais, aqueles considerados significativos para a manutenção da sua cultura e para a preservação da sua própria espécie. Assim sendo, podemos afirmar que os valores são, em primeiro momento, uma herança cultural. Atualmente, a ideia predominante é que as instituições escolares têm como encargo social formar as novas gerações e preparar os adultos para a prática da cidadania e da democracia, assumindo entre suas tarefas as questões referentes à educação em valores morais, complementando uma função que, a princípio, deveria ser iniciada, cultivada e valorizada pela família. Porém, muito se debate sobre uma suposta crise de valores éticos, acentuada pela vivência em um mundo capitalista que prega a competição, a individualidade e o egoísmo. Este artigo aborda um tema muito discutido e controverso da sociedade contemporânea: a crise dos valores e a falta de ética nos mais diversos setores sociais. Partindo de uma definição histórica do conceito de valor, o artigo expõe a sua relação com o complexo processo de educação da personalidade humana e o papel nele desempenhado pelas instituições escolares. Trata-se de uma revisão bibliográfica a respeito do tema, apresentando importantes citações de filósofos, antropólogos, sociólogos, pedagogos e psicólogos, que buscaram compreender um pouco sobre a estreita relação entre valor ético, moral e educação.

Palavras-chave: valores, ética, moral educação.

.....

All societies throughout history were concerned about transmitting to younger generations the local values, those considered significant for the maintenance of their culture and the preservation of their own species. Therefore, we can say that the values are, at first, a cultural heritage. Currently, the prevailing idea is that educational institutions have a social duty of forming new generations and preparing adults for the practice of citizenship and democracy, assuming among its tasks the issues of education in moral values, complementing a role that should be initiated and valued by the family. However, there is a considerable debate about an alleged crisis of ethical values, enhanced by capitalism that preaches the competition, individuality and selfishness. This article addresses a widely discussed and controversial topic of contemporary society: the crisis of values and the lack of ethics in various social sectors. From a historical definition of value, the article sets out its relationship with the complex process of education of the human personality and the role played by educational institutions. This is a literature review on the subject, and presents important quotes from philosophers, anthropologists, sociologists, pedagogues and psychologists who sought to understand, at least in part, the close relationship between ethical value, moral and education.

Keywords: Values, ethics, moral, education.

1 INTRODUÇÃO

Todas as civilizações, em diversos estágios de desenvolvimento e de variadas culturas, demonstraram, ao longo da história da humanidade, a preocupação em educar os mais jovens de acordo com os valores considerados indispensáveis para a sua comunidade. [Aristóteles \(2009\)](#), em sua “*Ética a Nicômano*”, no século IV a.C., afirmava que a virtude intelectual é adquirida com o tempo, ao passo que a virtude moral é adquirida pelo hábito. Segundo ele, a natureza não nos dá virtudes, mas sim a capacidade de adquiri-la e, essa aperfeiçoa-se pelo hábito. Assim, (para o pensador) é praticando a justiça que nos tornamos justos.

A importância de educar o homem em valores que sustentam a sociedade em que vive e o significado dessa transmissão na conservação da própria espécie é objeto de discussão, análise e reflexão em eventos educacionais brasileiros, de caráter nacional e internacional. Como exemplo do argumento citado, pesquisa realizada pela autora sobre os temas mais recorrentes dos últimos doze congressos e simpósios internacionais sobre educação e formação de professores organizados pela Conexa Eventos, considerada a maior empresa de Minas Gerais no setor, de 2010 a 2015, aponta o tema *educar em valores* como presente em oito deles, de maneira direta ou diluído em outros temas relacionados. A educação em valores constitui um objetivo de primeira ordem para a comunidade mundial, o qual tem alcançado especial relevância a partir do final da década de 1990 do século XX, tanto nos relatórios internacionais para organizações como a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) e a Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), como na fala de pesquisadores, professores, pais e até mesmo dos próprios estudantes. Segundo o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI,

No aspecto socioafetivo, espera-se que os indivíduos e a sociedade comportem-se de acordo com os avanços civilizatórios. As mudanças esperadas, neste último caso, relacionam-se com valores no campo da moral e da estética. Espera-se que a educação promova convivência harmoniosa, respeito mútuo, desenvolvimento, respeito pelas diferenças, uso responsável dos recursos naturais, admiração pela beleza de criações de arte e muitas outras virtudes que podem tornar a vida mais feliz ([DELORS et al., 1998](#), p. 11).

As famílias, as instituições sociais, a mídia e as escolas brasileiras, nos seus diversos segmentos, reconhecem a estreita relação entre valores éticos, moral e educação. Entretanto, na prática, o que se observa é um menosprezo em relação ao tema, tanto nos diálogos familiares, quando ocorrem, quanto nos currículos e no cotidiano escolar. No Ensino Fundamental, os problemas relacionados à ética ficam reduzidos a um recorte disciplinar ou a algum tipo de atividade transversal proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Nos cursos de ciências exatas das universidades brasileiras, tomando como referência os cursos de engenharia da Faculdade de Engenharia de João Monlevade - FaEnge/UEMG, área de trabalho da pesquisadora, os debates sobre o tema, quando ocorrem, restringem-se à disciplina de Sociologia e Filosofia. Assim, novamente referenciando Aristóteles quando fala que é praticando a justiça que o homem aprende a ser justo, justifica-se, no interior das próprias instituições de ensino brasileiras, tantas ocorrências de falta de respeito, intolerância e preconceito de diversas naturezas.

As considerações inseridas neste artigo têm como referência parte do marco teórico

de uma pesquisa para tese doutoral¹ em Educação da autora deste trabalho, em andamento, e tem como objetivo resgatar o conceito de valor através da história, além de demonstrar o papel dos professores na educação em valores, como parte de um processo amplo e complexo que é o da formação e educação da personalidade humana.

2 A NOÇÃO DE VALOR ATRAVÉS DO TEMPO

Desde a Antiguidade, o termo valor foi usado para designar a utilidade de alguns bens materiais ou o mérito de pessoas (GOERGEN, 2005). Segundo Lalande (1999), na sua obra *Vocabulário técnico e crítico da Filosofia*, há muitos sentidos para o termo valor. A Axiologia é a disciplina filosófica que estuda os valores. A palavra vem do grego “*axis*”, precioso, valioso, e “*logus*”, estudo. Assim, significa a teoria crítica dos valores. O seu uso filosófico começou com os estoicos que introduziram o termo no domínio da ética, chamando de valor os objetos de escolhas morais. Sócrates foi o primeiro pensador a discutir o termo. Ele incorporava o ideal de educador que acreditava que a moral não poderia ser ensinada, fazendo com que os jovens percebessem que a virtude não decorre de um processo racional de explicação de conceitos, mas de uma reflexão pessoal sobre as decisões acertadas. Nos diálogos de Platão (2005), fica evidenciado que as principais virtudes são os valores pessoais. Toda a ética de Aristóteles (2009) remete à *phronesis*, excelência ou virtude de uma das partes da alma capaz de razão, e, como tal, uma possibilidade extrema do humano, levando-o a agir sobre o mundo na busca da felicidade, fim último do homem. Para Aristóteles, a ordem, a vida e a racionalidade do mundo dependem de Deus. O racionalismo é a característica fundamental da moral aristotélica e a virtude é vista pelo filósofo como uma ação consciente segundo a razão. Mas, para ele, as virtudes éticas e morais não são decorrentes apenas de uma atividade racional, como as virtudes intelectuais, pois envolvem um elemento sentimental, afetivo, que, apesar de governado pela razão não pode ser resolvido totalmente por ela.

Goergen (2005) destaca alguns pensadores que se dedicaram ao estudo do valor ao longo da história. Ressalta que Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino e alguns filósofos renascentistas pensaram a moral a partir do indivíduo. Afirma que na época moderna, o pensador político inglês Thomas Hobbes (1588-1679) retoma a noção subjetiva de valor ao dizer que ele não é absoluto, mas dependeria da necessidade de um juízo. Considera que o filósofo iluminista prussiano Immanuel Kant (1724-1804) e o empirista inglês David Hume (1711-1776) atribuíram à religião o ponto de vista avaliativo e à filosofia o ponto de vista intelectual (explicativo) do conhecimento “*noético*” (do grego *nous*, mente). Já Rousseau, na sua obra *Emílio ou Da Educação* 1992, propõe o retorno do homem ao estado natural, livre das influências negativas da sociedade. Heinrich Rickert (1863-1936), alemão de origem polonesa, menciona seis domínios de valor: a lógica, a estética, a mística, a ética, a erótica e a filosofia religiosa. O filósofo aponta um bem para cada um desses domínios, sendo respectivamente, a ciência, a arte, o uno/todo, a comunidade livre, a comunidade do amor e o mundo divino. Já o *intuicionismo* de Max Sheler (1874-1936) aponta o valor como objeto intencional do sentimento, assim como a realidade é o objeto intencional do conhecimento. Para Nicolai Hartmann (1822-1950), os valores são relacionais, porque só existem em relação ao homem, mas são imutáveis e absolutos, portanto, não são relativos. O austríaco Christian Ehrenfels (1859-1932) definiu o valor como simples desejabilidade,

¹ Tese de doutoramento em Educação pela Universidad SEK de Santiago do Chile, iniciada em janeiro de 2015, cujo título é “Los valores históricos en cuestión: desafíos y problemáticas de la enseñanza actual de la Historia para la juventud en Brasil”.

introduzindo a noção de possibilidade e dando origem ao relativismo dos valores. Na concepção do psicólogo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911), os valores são determinados pela história e reconhecidos pelo homem em determinadas circunstâncias. A mesma posição foi defendida pelo alemão Max Weber (1864-1920) que atribuía à história o poder de criar valores relativos. O filósofo e pedagogo norte americano John Dewey (1859-1952) definiu a filosofia como sendo a crítica dos valores e afirmou que toda valoração inteligente é também crítica. O psicólogo polonês Rokeach (1918-1988) definiu valor “como uma preferência permanente para uma conduta concreta ou para um estado final de ser” (ROKEACH, 1973).

Para Goergen (2005), os caminhos do termo valor no mundo atual devem-se, em parte, à produção do filósofo alemão Nietzsche (1844-1900) e à grande repercussão da sua tentativa de inverter os valores ditos como tradicionais. A partir de sua obra, o conceito valor tornou-se um dos temas centrais da Filosofia, em torno do qual gira sua discussão moral. É nessa época que se estabelece a distinção entre o conceito metafísico ou absoluto de valor (independente da relação com o homem) e o conceito empirista ou subjetivista (inclui a relação com o homem e o mundo).

O sociólogo francês Emile Durkheim (1858-1917) foi o primeiro a desenvolver de forma sistemática a ideia que a educação aparece estreitamente vinculada ao resto das atividades sociais e a define como a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social, destacando o papel da família e dos professores na transmissão dos valores importantes para a vida em sociedade (DURKHEIM, 1984, p. 13). Assim, “Durkheim identifica a educação com socialização, enquanto ação unilateral dos mais velhos para os mais novos e enquanto determinismo do social sobre o individual” (CARIA, 1992, p. 171). Para o sociólogo, de acordo com Caria (1992), essa socialização metódica tem em vista realizar um certo ideal de homem que é, em certa medida, o mesmo para todos os cidadãos, pois uma sociedade somente poderá sobreviver se entre seus membros existir uma certa homogeneidade. Segundo o mesmo autor 1992, coube aos franceses Bourdieu e Passeron 1987 o mérito de ultrapassar as limitações do conceito *durkheimiano* de educação quando evidenciam que: os valores e o patrimônio cultural da sociedade não são consensuais; as ações exercidas pelas famílias e pela escola nem sempre se complementam harmoniosamente; a socialização é uma pedagogia particular, considerando a família o lugar onde é mais consequentemente realizada.

O psicólogo cognitivo e educacional norte-americano, Gardner 2000, conceitua a educação como um processo comprometido com a promoção de três princípios fundamentais: verdade, bondade e beleza. Segundo ele, na busca da verdade as pessoas devem examinar a vida nos planos físicos, biológicos e sociais, de acordo com a ciência. No âmbito da beleza, devem produzir e apreciar criações que aprofundem o sentimento de admiração pela vida e pelo mundo. No âmbito da bondade, deve-se buscar um desenvolvimento moral correspondente aos avanços civilizatórios que garantam o respeito pelo outro.

3 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE E SUA ESTRUTURA

O ponto culminante do estudo da *psiqué* está no estudo da personalidade humana (LEYVA; MARTÍN, 2010). O processo de educação da personalidade é muito complexo e diverso. Se pensarmos em um grupo de estudantes para os quais lecionamos, nos daremos conta facilmente que cada estudante apresenta características pessoais que podem ser muito

diferentes, cada um terá seus próprios problemas, nem todos assimilam os conhecimentos da mesma forma e a relação individual do professor com cada um deles não é a mesma. O trabalho educativo, portanto, não será igual para todos e o professor, principalmente das séries iniciais, deve antes de tudo, caracterizar a personalidade de cada aluno para poder influir positivamente em sua educação.

Segundo [Leyva e Martín \(2010\)](#), a personalidade se adquire mediante um processo que é condicionado histórico-socialmente, graças à atividade de cada ser humano, no processo de comunicação com as demais pessoas. Ao nascer, o homem é simplesmente um indivíduo pertencente à espécie humana e é através da interação com a realidade e de suas relações sociais que define sua personalidade.

Definir uma personalidade própria significa não somente adaptar-se ao meio, mas também atuar de maneira ativa sobre o mesmo, transformando-o e transformando a si próprio.

A personalidade é um produto relativamente tardio no desenvolvimento do ser humano e se manifesta definitivamente na fase adulta, porém, suas qualidades começam a formar-se muito cedo, através de um processo que atravessa várias etapas da vida.

Os conteúdos psicológicos da personalidade são aqueles considerados essenciais para um indivíduo, significativos em sua vida, e que, uma vez personalizados, determinam o nível de autorregulação do comportamento, expresso de maneira individualizada em cada pessoa.

Qualquer conteúdo da personalidade participa na função reguladora do comportamento humano e representa um determinado nível de integração entre o afetivo e o cognitivo. Nesse sentido, [Rey e Mitjans \(1989, p. 19\)](#) afirmam que “[...] o homem se em unidades cognitivo-afetivas para regular todas as esferas de um comportamento”. De acordo com os mesmos autores ([1989](#)), existem três níveis de integração dos conteúdos psicológicos da personalidade:

- A) As unidades psicológicas primárias**, definidas por ele como “uma integração cognitivo-afetiva relativamente estável que atua de maneira imediata sobre o comportamento, mediante situações vinculadas à sua ação reguladora” ([REY; MITJANS, 1989, p. 20](#)). Exemplos dessas unidades são os motivos, as atitudes, os estereótipos, os traços da personalidade, as normas e os valores. Esses conteúdos se caracterizam por serem conteúdos significativos e importantes para o sujeito, por possuírem uma relativa estabilidade (dificilmente mudam), uma insuficiente reflexão, uma forte carga emocional e por atuarem de maneira rápida, direta e imediata sobre a regulação do comportamento de um indivíduo.
- B) As formações psicológicas**, que expressam um nível de integração dos conteúdos psicológicos de natureza mais complexa e se apoiam em motivos que ocupam os primeiros lugares da hierarquia motivacional. Os conteúdos adquirem um caráter muito pessoal porque dependem da interpretação e elaboração de cada pessoa. São conteúdos relativamente estáveis e se orientam para regular o comportamento através de objetivos e estratégias a longo prazo. Entre esses conteúdos podemos destacar o interesse, os ideais, a autovalorização, as intenções profissionais, a concepção de mundo e o caráter.
- C) Síntese reguladora**, que expressa um nível superior de conteúdos psicológicos da personalidade humana e se caracteriza pela integração das formações psicológicas

citadas anteriormente.

Assim, temos que as normas e os valores constituem conteúdos psicológicos de primeiro nível, existindo uma estreita relação entre eles. As normas não são mais que um conjunto de regras que expressam um modelo de conduta a seguir pelos membros de um grupo em correspondência com os valores sociais que eles assumem. Portanto, as normas definem ideias reguladoras do comportamento dos membros de um grupo social, determinando o que devem fazer seus integrantes, que conduta se espera deles em determinadas circunstâncias. Quando essas normas são interiorizadas, atuam de forma direta e imediata na regulação do comportamento das pessoas de uma determinada sociedade.

Quando falamos de valores, fazemos referência a determinados conteúdos que expressam o significado que distintos objetos, situações e ideias têm para um sujeito. Essa significação é tal que um valor se converte em um padrão que o indivíduo utiliza para avaliar a pertinência ou não de sua conduta e de demais pessoas do seu grupo social (REY; MITJANS, 1989).

4 A FORMAÇÃO DO SUJEITO MORAL

Segundo Goergen (2005), quando se impõe uma concepção relativa de valores, porque os valores absolutos entraram em crise, não se reconhece mais a possibilidade de soluções universais para os problemas morais. De acordo com o autor, isso não significa a imposição da indiferença ou o relativismo diante das controvérsias morais. Do ponto de vista educacional, que é o nosso objetivo como educadores, significa que o professor, de qualquer segmento da educação, tem um papel muito importante ao proporcionar momentos de reflexão entre os alunos, favorecendo sempre a discussão sobre quais são os valores com os quais devem sentir-se comprometidos. No presente artigo, toma-se como definição de moral “o conjunto de regras de conduta adotadas pelos indivíduos de um grupo social que tem por finalidade organizar as relações interpessoais segundo os valores do bem e do mal” (ARANHA; MARTINS, 2003, p. 119). Da mesma maneira, “[...] entende-se por ética como sendo a reflexão sobre a moral ou como sendo a parte da Filosofia que se ocupa em questionar o conjunto de normas e regras morais de uma determinada sociedade” (LIMA, 1984, p. 40).

Uma das principais características de uma compreensão moral é a percepção do valor como processo e não como algo estático. Ele depende das experiências e do nível de amadurecimento dos indivíduos. Por ser um processo complexo, a formação moral não pode basear-se em qualquer tentativa de persuadir os jovens a, simplesmente, aceitar um conjunto predeterminado de valores. A educação moral deve ser considerada como um aspecto da educação integral. No sentido mais amplo, a educação busca formar um ser humano capaz de lidar com o meio em que vive e com os outros, mas não é uma simples adaptação. Segundo Puig (1988, p.24), a educação “não busca uma adaptação fixa, e sim uma adaptação sempre inacabada, uma adaptação otimizante, crítica e evolutiva.” Goergen (2005) assinala que em uma sociedade com tantas injustiças, é necessário refletir sobre a orientação que desejamos dar ao processo de aprendizagem de nossos jovens alunos, levando em consideração as particularidades e exigências do mundo atual, as características dos estudantes, suas condições materiais e as peculiaridades de cada curso.

Aristóteles (2009) alegava que as condutas podem ser corretas ou equivocadas por direito próprio. Piaget (1994) estudou esse assunto nas crianças e descobriu que a

consideração de intenções é uma postura moral mais madura do que basear-se simplesmente nas consequências da conduta. A conduta é o primeiro elemento de nossa autonomia moral. “As raízes da palavra caráter vêm do grego *marcar* e sugere uma proposta sobre a conduta observável” (ABBAGNANO, 1998, p. 116). À semelhança do citado autor (1998), aqui será definido caráter como personalidade, isto é, como a tendência única e permanente de um indivíduo atuar de um modo determinado e não de outra maneira.

De acordo com Goergen (2005), o homem só pode ser um sujeito moral porque é indeterminado e livre. Se fosse programado como os animais, não se poderia falar de moralidade. Mas a liberdade implica a capacidade de refletir sobre o processo de aprendizagem e de dar a ele a orientação que desejamos. Assim, a educação moral é a busca de um caminho pessoal para uma vida consciente, livre e responsável.

Ao educador, ressaltamos que sua influência deve contribuir para a formação de sujeitos autônomos e conscientes, capazes de tomar atitudes e de fazer decisões na busca de sua felicidade e realização pessoal, mas preservando interesses tanto individuais quanto sociais.

Na atualidade, existe um interessante Programa de Educação em Valores Humanos (PEVH), criado há cerca de trinta anos especialmente para o trabalho de educadores, integrando filosofias e técnicas internacionais que visam ao estabelecimento de uma nova realidade e uma ordem social mais humana, a partir do conhecimento (educação e instrução). De acordo com Martinelli (1996), educadora, jornalista e uma das primeiras divulgadoras do Programa no Brasil, ele propõe uma educação universalista, humanista e espiritual, resgatando valores humanos presentes em todas as famílias, culturas e religiões. É a busca pelo modelo de caráter de um ser humano universal, com consciência ampliada, sem preconceitos e separatismos. União salutar entre os pensamentos ocidentais e orientais, tal Programa já é adotado em escolas de 130 países que investem na educação em valores humanos. Como exemplo brasileiro, o Campus Universitário Bezerra de Menezes, em Curitiba, realiza um trabalho pedagógico com base nas propostas do PEVH.

5 OS VALORES ÉTICOS E O PAPEL DA EDUCAÇÃO

Ao se falar em valores éticos na atualidade brasileira, como conciliar ética às questões como liberdade, escolha, autoconhecimento, respeito e diversidade?

Na sociedade brasileira, a família foi durante séculos a fonte de importantes valores. Hoje, os filhos se distanciam mais cedo de seus parentes e pessoas externas ao convívio familiar acabam tendo com eles um contato mais forte e uma influência mais ativa. Muitos pais não conseguem demonstrar atitudes coerentes a serem exemplos positivos para seus filhos. Com o passar do tempo e a mudança de hábitos, as instituições escolares brasileiras foram perdendo lugar para outros espaços de socialização, o que pode ser constatado na prática educativa de quase trinta anos da pesquisadora, nos diferentes segmentos educacionais.

Segundo Dimenstein² (2002), os jovens brasileiros, por sua vez, não acreditam mais na representatividade dos políticos e no valor das eleições, decepcionados com a corrupção e a desonestidade na política do país.

É papel importante de qualquer professor que se pretenda educador, considerar e integrar em suas atividades curriculares questões ligadas a valores éticos, morais, sociais

² Folha de São Paulo, São Paulo, 14/07/2002. Caderno Cotidiano, p. 10.

e culturais. Na sociedade brasileira, à semelhança da maioria das sociedades ocidentais, educar é sempre educar para a cidadania e para a democracia, conceitos intimamente ligados, já que a participação nas decisões políticas que caracteriza a democracia, através do voto em eleições, plebiscitos e referendos, constitui direito e dever do cidadão brasileiro. Por outro lado, se considerarmos a ética como o ramo da Filosofia que estuda as normas que guiam as atitudes humanas, e a cidadania inclui direitos e deveres do cidadão, os conceitos de ética, cidadania e democracia também estão estreitamente relacionados. No Brasil, os direitos e deveres do cidadão estão estabelecidos pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Dentre os deveres do cidadão brasileiro, chamam a atenção “respeitar os direitos dos outros cidadãos” e “educar e proteger os semelhantes” (BRASIL, 1988).

À semelhança de Sócrates com seus discípulos na antiga Atenas, os professores de qualquer época podem ajudar seus alunos a buscar a solução de seus problemas, questionando-os, desestabilizando-os momentaneamente, levando-os a uma tomada de consciência sobre os problemas da atualidade, e a um posicionamento e uma ação sobre a realidade social.

Em sua obra “Educação emancipação”, o filósofo e sociólogo alemão Theodor W. Adorno examina a questão dos valores e da educação, sugerindo que esta última deve ter papel importante na superação da barbárie, vista por ele como “[...] uma agressividade primitiva, um ódio primitivo, ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar o perigo de que toda a civilização venha a explodir” (ADORNO, 1995, p. 155).

Para Martinelli (1996, p. 18), “os valores absolutos são a verdade, a ação correta, o amor, a paz e a não violência”. Para a autora (1996, p. 20), cada valor absoluto corresponde a valores relativos, em um total de vinte, considerados por ela como os instrumentos de aprimoramento da personalidade. Segundo a mesma autora (1996, p. 21), os valores humanos na escola estão presentes na apreciação e assimilação do conhecimento de todos os conteúdos a serem ensinados, vinculando o currículo escolar às circunstâncias da vida, construindo uma consciência ética.

Freire (2003, p. 34) ressalta que o educador democrático não poderá jamais negar-se ao dever de reforçar a capacidade crítica do aluno, sua curiosidade e vontade, afirmando também que não há uma ruptura entre a fase da ingenuidade e da criticidade, mas uma superação.

Os professores recebem, em suas salas de aula, alunos que já têm interiorizado um conjunto de normas e valores. O sistema de valores está vinculado diretamente com a forma de vida e com a sociedade. Assim, quando mudam as relações sociais e, principalmente, as econômicas, novos valores se estabelecem. Esse fenômeno deve ser considerado pelo professor para que ele possa aproveitar todas as oportunidades de conscientizar seus alunos sobre o que é correto e incorreto nas suas ações.

Um aspecto fundamental na educação e na formação de valores é que, ao trabalhar os conteúdos em sala de aula, os professores devem estabelecer relações com a vida, para que tenha significado e valor para o aluno. Além do componente cognitivo, é necessário trabalhar o afetivo, já que este componente é o que vincula a relação pessoal com o valor.

Segundo Pérez (2002), as ações autoritárias provocam reações de repulsa, submissão ou dependência. Para ele, a orientação valorativa é assimilada em coerência com a vida diária e através de ações responsáveis. O indivíduo deve participar sempre de sua própria

educação, desde criança. Devem ser oportunizadas situações para que isso ocorra, na família e nas instituições de ensino. Nas escolas, é necessário um diálogo aberto e franco por parte dos alunos e professores, baseado na confiança e no respeito.

Além do que foi exposto, caberia assinalar quais valores formar e desenvolver em nossos alunos. Segundo Pérez (2002), não há uma resposta fácil, mas aparecem em primeiro lugar aqueles promovidos e valorizados positivamente pela família, escola e sociedade para estimular a formação e o desenvolvimento da criança e do jovem. Seriam os valores ligados à família, ao humanismo, à solidariedade e à justiça, à identidade nacional e ao mundo do trabalho.

Para que os professores consigam exercer uma influência mais direta em seus alunos devem estar preparados para aprofundar e indagar quais são as suas necessidades, interesses e inquietações. Devem procurar descobrir o que lhes preocupa, que aspectos da vida mais lhe interessam e buscar canalizar essas informações em interação com o cotidiano da sala de aula.

Finalmente, os professores de qualquer segmento da educação, devem promover atividades onde o estudante encontre espaço para o protagonismo, além de estimular os debates grupais, dando-lhes oportunidade de expressar suas ideias, seus critérios, seus argumentos, seus sentimentos e suas aspirações. O educador e escritor Gabriel Chalita afirma que [...] “as dificuldades, os conflitos, as guerras e a intolerância que gradativamente se apoderam do mundo, são resultado dessa total inversão de valores que predomina na sociedade, configurando um tempo em que até mesmo a esperança parece estar mais escassa.” Assinala, ainda que “devemos estar conscientes da importância de nosso papel como educadores, amparando, reerguendo e reavivando os sentimentos, valores e atitudes que poderão renovar a confiança em dias melhores” (CHALITA, 2003, p. 11).

6 CONCLUSÃO

Na Idade Média, a ética era principalmente uma questão de imposição dos valores da Igreja Católica que eram seguidos por uma população pobre, em sua maioria, sem conhecimento suficiente para questionar.

A partir da Idade Moderna, o homem foi deixando gradativamente de enxergar os dogmas católicos como o fundamento indiscutível das normas morais.

Atualmente, a busca por novas formas de legitimação de valores é uma preocupação de estudiosos das áreas da Filosofia, Psicologia, Pedagogia, Política, Economia e Sociologia. As inquietações alcançaram outras áreas como a Medicina, a Genética, a Comunicação, dentre outras.

Educação e ética sempre estiveram relacionadas, mas a divergência entre a teoria e a prática sempre foi nítida. Hoje em dia, apesar de todos reconhecerem a importância da relação entre ética, moral e educação, não se percebe nas escolas, principalmente, no ensino superior, uma preocupação com o tema, o que pode ser constatado na estrutura curricular da maioria dos cursos de graduação, especialmente na área das ciências exatas.

Os valores éticos não podem estar ligados à imposição, a simplesmente seguir regras. Pelo contrário, eles estão relacionados à liberdade do ser humano. Saber respeitar a diversidade humana é um dos principais valores éticos e o que se vê, frequentemente, até mesmo nas universidades, é o desrespeito, a intolerância e as atitudes egoístas.

É fundamental o papel dos professores na educação e na formação em valores de seus alunos. É importante prepará-los para a autonomia, mas conscientes sobre os problemas da atualidade e sabendo posicionar-se perante a realidade social. É necessário um diálogo aberto por parte de alunos e professores, discutindo e valorizando seus interesses, seus problemas e suas inquietações.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Temas da Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Gente, 2003.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômano**. Tradução de Antônio de Castro Caieiro. São Paulo: Atlas, 2009.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Tradução de C. P. G. da Silva. Lisboa: Veja, 1987.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Promulgada em 05/10/1988.
- CARIA, T. H. L. Perspectiva sociológica sobre o conceito de educação e a diversidade das pedagogias. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 12, p. 171–184, 1992.
- CHALITA, G. **Pedagogia do amor**: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Gente, 2003.
- DELORS, J. et al. (Coord.). **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1998. 89-102 p.
- DIMENSTEIN, G.; MALULA, P.; SERRUF, J. **Folha de São Paulo**, 14 jul. 2002. Caderno Cotidiano, p. 10.
- DURKHEIM, E. **Sociologia, educação e moral**. Porto: Rés Editora, 1984.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GARDNER, H. **The disciplined mind**. New York: Penguin Books, 2000.
- GOERGEN, P. Educação e valores no mundo contemporâneo. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 983–1011, 2005. Especial out. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 set. 2015.
- LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEYVA, L. S.; MARTÍN, L. M. P. Lo cognitivo y lo afectivo de la personalidad. In: _____. **La personalidad: diagnóstico de su desarrollo.** [S.l.: s.n.], 2010. cap. 1, p. 8-54.

LIMA, L. O. **O impasse na educação: diagnóstico, crítica, prospectiva.** Petrópolis: Vozes, 1984.

MARTINELLI, M. **Conversando sobre educação em valores.** São Paulo: Peirópolis, 1996.

PÉREZ, E. B. **La educación en valores. Papel de la escuela.** La Habana: ICCP, 2002.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança. São Paulo: Summus, 1994.** São Paulo: Simmus, 1994.

PLATÃO. **A República.** São Paulo: Martín Claret, 2005.

PUIG, J. M. **A construção da personalidade moral.** São Paulo: Ática, 1988.

REY, F. G.; MITJANS, A. **La personalidad, su educación y desarrollo.** La Habana: Pueblo y Educación, 1989.

ROKEACH, M. **The nature of human values.** New York: Free Press, 1973.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou Da Educação.** São Paulo: Bertrand, 1992.